

Religião como fundamento da realidade em Zubiri

Religion as the foundation of reality

in Zubiri

*Sergio Ricardo Macedo Braga**

Resumo: Xavier Zubiri (1898-1983), filósofo e teólogo basco, ultrapassando uma ideia de realidade baseada em conceitos, cria uma filosofia da **inteligência senciente**, ou seja, para ele existe uma interação entre inteligência e realidade. No pensamento de Zubiri, a metafísica não pode ser uma lógica predicativa e nem uma fuga do mundo físico para um mundo conceitual, mas antes, uma objetivação da coisa real com vínculo transcendental ligando-se sempre ao que é atualmente real, ou seja, aquilo que a coisa é, porém sempre real enquanto realidade. Para isto, Zubiri desenvolve uma estrutura da realidade buscando um vínculo entre objeto e sujeito, generalizando este fenômeno como uma ligação entre realidade e inteligência, que ele chama de religação ou religião no seu sentido primário, formando uma hierarquia bem definida entre estas duas instâncias do real. Neste ponto, ficamos sabendo que a realidade que nos afeta é sempre a de um momento anterior, concluindo que esta realidade se atualiza num fluxo contínuo e, no indivíduo, se atualiza no momento que percebe algo desta realidade. Entretanto, este processo não se interrompe neste ponto. A partir daí, o indivíduo seria impulsionado para as redes de significados mais profundos tanto pelo ambiente entorno como pelas suas inclinações individuais, sendo estas as nossas tendências constitutivas daquilo que somos, ou seja, a nossa própria estrutura ontológica. Desta forma, vamos constituindo as nossas redes de significados, que tanto podem ter como resposta uma crença religiosa, no sentido de Cícero, ou seja, uma resposta em termos de crença em divindades ou manifestações esotéricas, mas também, pode ocorrer em termos de uma racionalidade intramundana, onde espiritualidade é entendida como a busca de valores sociais ou comunais como a filosofia, a política ou a arte.

Palavras-chave: Inteligência senciente; Realidade; Religião; Religação; Zubiri.

Abstract: Xavier Zubiri (1898-1983), Basque philosopher and theologian, surpassing an idea of reality based on concepts, creat a philosophy of **sentient intelligence**, that is, for him there is an interaction between intelligence and reality. In Zubiri's thought, metaphysics cannot be a predicative logic or an escape from the physical world to a conceptual world, but rather an objectification of the real thing with a transcendental bond, always linking itself to what is actually real, that is, that which that the thing is, but always real as reality. For this, Zubiri develops a structure of reality seeking a link between object and subject, generalizing this phenomenon as a link between reality and intelligence, which he calls reconnection or religion in its primary sense, forming a well-defined hierarchy between these two instances of the real.

* Especialista em Matemática e Estatística pela UFLA; Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília e em Teologia pela FAECAD. Atualmente é Professor de Teologia Sistemática e Filosofia no IBADERJ-Seminário Teológico.

At this point, we learn that the reality that affects us is always that of a previous moment, concluding that this reality is updated in a continuous flow and, in the individual, is updated at the moment that he perceives something of this reality. However, this process does not stop at this point. From there, the individual would be driven to the networks of deeper meanings both by the surrounding environment and by their individual inclinations, these being our constitutive tendencies of what we are, that is, our own ontological structure. In this way, we constitute our networks of meanings, which can either have as a response a religious belief, in the sense of Cicero, that is, a response in terms of belief in deities or esoteric manifestations, but also, it can occur in terms of an intramundane rationality, where spirituality is understood as the pursuit of social or communal values such as philosophy, politics or art.

Keyword: Reality; Religion; Religion; Sentient intelligence; Zubiri.

Introdução

Xavier Zubiri, estudioso de formação teológica e filosófica, toma como tema de pesquisa a questão da realidade. Através de três obras que se tornaram o eixo do seu pensamento: *Naturaleza, Historia, Dios* (1944); *Sobre La Esencia* (1962) e sua trilogia da inteligência (*Inteligencia y Realidade, Inteligencia y Logos e Inteligencia y Razon*) publicadas a partir de 1980, todas traduzidas para o português, com exceção da segunda obra, Zubiri dirá que a impressão do sensível não é mera afecção subjetiva, mas também um momento de alteridade e outro de força de imposição (Bello, 2010, p. 12). Além disso, nos ensina que existe um elemento de ligação entre o sensível e a inteligência que ele chama de religação, tomando o termo latino *relegere*, no sentido próprio de religião, mas dando a este termo uma nova definição, qual seja, vínculo do real. Neste sentido, o ensino de Zubiri vai demonstrando que religião não é um mero sentimento ou assentimento, mas o vínculo que nos faz ser por imposição desta realidade ao qual ninguém consegue escapar. Apesar disso, Zubiri defende que esta imposição ainda não nos leva diretamente para uma revelação de Deus, aqui tomado como elemento totalizante, mas para a nossa própria deidade. Nesta, fundamentamos os nossos significados, que tanto pode se tornar um acesso a Deus como uma negação dele. Neste trabalho, procuramos demonstrar, em Zubiri, como vai se estabelecendo esta relação entre Realidade, Religião e Deus e qual o processo intelectual que ocorre no interior do sujeito, vindo a se tornar aquilo que Zubiri chama de estrutura ontológica do homem (ZUBIRI, 2010, p. 415).

1 Relação entre Realidade, Religião e Deus em Zubiri

A questão da realidade, dentro da filosofia, é abordada segundo duas perspectivas. Grosso modo, no idealismo, não existem coisas reais que sejam independentes do sujeito. Neste caso, o indivíduo viveria fechado dentro de si mesmo, sem ter acesso ao mundo exterior que, desta maneira, seria incognoscível. Já no realismo, existe o mundo exterior, a partir de um fato evidente, qual seja, a interioridade do sujeito, além de um racionalismo que defende a existência de princípios lógicos como a causalidade e a indução. Apesar de sua aparência imediata, é necessário afirmar que este realismo é insuficiente, posto que não vê motivo bastante para duvidar da percepção externa, visto que se baseia no simples fato de uma suposta evidencia de que há algo externo ao homem, sendo por isto chamado de realismo ingênuo. Tanto o idealismo como o realismo ingênuo envolvem um suposto que lhes é comum: a existência ou inexistência do mundo exterior é um fato ou demonstrado, ou imediato, ou indemonstrado, ou indemonstrável (ZUBIRI, 2010, p. 406). Já para o realismo crítico, tanto quanto para outras vertentes do idealismo, a existência de algo exterior é acrescentada a existência do indivíduo, ou seja, existem os indivíduos e as coisas. Para o realismo crítico, o indivíduo é o que é, necessitando lançar mão de um mundo exterior de modo a poder explicar suas próprias dificuldades internas. Desta maneira, o realismo parte de dois pressupostos:

"1- Que a existência do mundo exterior é um fato."

"2- Que é um fato acrescentado aos fatos de consciência." (ZUBIRI, 2010, p. 406).

Para Zubiri, estes dois pressupostos seriam discutíveis, havendo espaço para se questionar tanto a existência de um mundo exterior como algo acrescentado, quanto o ser esta realidade exterior um simples fato, no sentido de sua existência ser independente do sujeito. Nesse ponto de vista, este pensador defende que o sujeito consiste em um indivíduo que está aberto às coisas, e, portanto, a realidade exterior não é um simples fato, sendo antes parte da estrutura ontológica formal do sujeito. Assim, a existência de algo fora, segundo este pensamento, não está baseada no simples princípio da causalidade ou de uma contradição lógica, mas numa espécie de contrassenso da existência humana. Diz Zubiri: "A existência de um mundo exterior não é algo que advém do homem de fora; ao contrário: vem-lhe de si mesmo" (2010, p. 407).

Apesar da aparente semelhança com o idealismo, este "de si mesmo" é um estar aberto às coisas. No idealismo, ao contrário, é um estar encerrado em si mesmo. Ao se falar em abertura, precisamos compreender exatamente a possibilidade de que haja coisas externas ao sujeito que adentrem nele como percepção das coisas. Assim, o problema da realidade não consiste mais de fatos nem acréscimos, porém de um constitutivo formal, sendo, portanto, uma

necessidade do ser humano enquanto tal. Esta realidade como tal é a própria existência humana, que consiste estar entre as coisas fazendo-se a si mesma, no sentido de se constituir como indivíduo ou sendo arrastado por elas. Este “estar entre as coisas” é o que impulsiona a existência, estimulando a possibilidade de viver. O que impulsiona o viver não é o apego natural à vida. É algo mais profundo. É aquilo que nos faz ser, e, portanto, se constitui no que o homem se apoia para existir, fazendo-se. Como nos diz Zubiri: “... o homem, ao existir, não só se encontra com coisas que ‘há’ e com as quais têm de fazer-se, mas se encontra com que ‘há’ que fazer-se e ‘há’ de estar fazendo-se. Além de coisas, ‘há’ também o que faz que haja” (2010, p. 415).

Esta relação entre fazer e existir não é uma evidência de uma simples obrigação de ser. Isto que entendemos como obrigação é consequência de algo mais radical, qual seja, estamos previamente religados com aquilo que nos faz existir. Aqui, portanto, o que há é um vínculo ontológico do ser humano que se chama religação. Nesta religação estamos submetidos a algo que nos é imposto extrinsecamente, ou aquilo que nos inclina intrinsecamente, sendo esta uma tendência constitutiva do que somos. Esta religação para nós é como um vínculo a algo que nos faz ser. Religação aqui não é um movimento de dentro para fora, mas antes, de fora para dentro (ZUBIRI, 2010, p. 415). Esta religação, que vem do termo latino *religio* ou religião¹ em sentido primário, seria aqui uma dimensão formalmente constitutiva da existência. Neste sentido, religião se torna como fundamento da realidade sendo, neste caso, o vínculo entre o objeto e a busca de significado como algo que impulsiona, nos empurrando em direção à transcendência das coisas. Isto ocorre porque existimos, ou seja, o indivíduo *ex-siste*, no sentido de estar fora das coisas. Portanto, em Zubiri, existir é transcender, no sentido de viver (2010, p. 412). Assim, podemos dizer que existir é estar com as coisas, com os outros e com nós mesmos. Desta maneira, este ‘com’ pertence ao homem, não sendo um simples acréscimo. Tudo está envolvido na peculiaridade do 'com'. Nas palavras de Zubiri: "A religação não é algo que afete exclusivamente o homem, diferentemente, e separadamente, das demais coisas, mas juntamente com todas elas" (2010, p. 416). No sujeito, a religação é uma atualização formal onde tudo se mostra, incluindo o universo material, onde todas as coisas aparecem no paradigma da fundamentalidade última. Portanto, para Zubiri, o sujeito formal da religação é a natureza personalizada (2010, p. 417) no indivíduo. Assim, para ele a religião não é uma propriedade e nem uma necessidade, mas uma dimensão formal do indivíduo, ou seja, religião não é um

¹ Em Cícero, no século I AEC, *religio* tem sentido de uma disposição subjetiva. Em Lactâncio, assume um caráter de relacionamento entre Deus e o homem. Para Zubiri, é fundamento da Realidade.

simples consentimento e nem um puro conhecer, mas uma atualização do ser religado ao sujeito. Neste sentido, religião passa a mostrar-se como fundamento para ser.

Nesta abertura defendida aqui, a realidade das coisas se torna possível, sendo que, se há religação, certamente haverá algo que religa. Este elemento de religação é conhecido na tradição ocidental como Deus, que vem a ser aquilo ao qual estamos religados por inteiro. Observe que em Atos 17.28², o Apóstolo Paulo defende esta tese a partir da filosofia grega. Apesar disso, num autêntico paradoxo, este elemento de religação não nos é evidente e nem imediatamente demonstrável. O que conseguimos alcançar de imediato é a nossa própria deidade. Na busca de seus significados, o indivíduo se vê forçado a racionalizar a sua percepção de Deus como realidade. Porém, isto não é possível por simples intuição e, por isto, tem para grande parte dos indivíduos um aspecto de irracionalidade. Entretanto, a razão se vê forçada a se colocar, numa tentativa de justificar a realidade ou não de Deus, porque isto está instalado na estrutura ontológica da individualidade no âmbito da sua deidade. Neste caso, a deidade funciona em correlação com a religação. Na religação encontramos o nosso fundamento. A deidade é o fundante como tal. Para Zubiri, toda tentativa de negar a realidade fundante, como no caso do ateísmo, é metafisicamente impossível sem o âmbito da deidade. Neste sentido, o ateísmo seria uma negação da deidade (2010, p. 418). Por isto, o atributo primário da deidade é a fundamentalidade. Sendo assim, todo discurso sobre Deus, inclusive a sua negação, já propõe em si que o descobrimos ou o elidimos a partir da nossa própria dimensão religada.

Desta forma, na perspectiva zubiriana, quando tratamos de religião e seus termos correlatos como conceitos filosóficos, a primeira questão que deve ser colocada é o da possibilidade da busca da realidade a partir do indivíduo, sabendo que esta busca só se completa quando o sujeito alcança o seu significado de vida. Caponigri³ nos diz que a resposta de Zubiri para este problema foi o desenvolvimento teórico da **inteligência senciente** (CAPONIGRI, 2014, p. 60, grifo nosso), enquanto descrição do primeiro acesso do homem à realidade

2 Implicações epistemológicas do conceito de religião como fundamento do real

² Na passagem “porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos” seria uma citação da obra “Cretica”, do poeta Epimênides (600 AEC). Já na passagem “Pois somos também sua geração”, seria citação dos poetas Cleanto (331- 233 AEC) na sua obra “Hino a Zeus” e Arato (315 - 240 AEC) no poema “Fenômenos”.

³ Este texto é a introdução à edição inglesa de *On Essence*, publicada por *The Catholic University of America Press*, Washington, D.C., 1980.

Dentro desta perspectiva, podemos considerar a religião não somente como algo primariamente experimentado pelo indivíduo, mas também historicamente condicionado. Entretanto, segundo Pintor-Ramos (2014, p.80), interpretando Zubiri, esta religião reside na racionalidade. Para este autor, o funcionamento básico da razão pode ser dividido em três fases. Na primeira temos o início da atividade da razão que ocorre a partir da análise do dado. Esta análise ultrapassa o fato, sendo que a razão o toma como uma sugestão de caminho ou impulso. A sugestão, por sua vez, jamais é única, mas oferece inúmeras possibilidades aos quais a razão possa escolher. Apesar desta escolha não ser determinada, isto é, raramente há uma lucidez completa no sentido da escolha, não é, porém, arbitrária, ou seja, o dado funciona como um sistema de referência para o processo em andamento. O que impõe a transcendentalidade do dado é aquilo que o ultrapassa, ou seja, a forma do dado. Apesar disso, o fundamento do dado é um elemento que deve ser buscado pela razão, apesar de nem sempre ser encontrado, e isto faz com que a razão seja um intelecto que sempre busca. Este momento exige que a razão se separe e se ponha a caminho do desconhecido. Apesar desta busca não acrescentar conteúdo ao dado, é usado como uma rampa de lançamento, um elemento que impulsiona a razão na direção do desconhecido, servindo como elemento de referência.

Na segunda fase ocorre o distanciamento do dado. Aqui, não há caminho previamente traçado que venha a facilitar a descoberta pela razão. A busca é solitária. Entre diferentes direções, a razão deverá escolher uma via que se concretiza, que será razoavelmente proveitosa, mas que será sempre limitada em relação ao real. Esta escolha, porém, é fruto da liberdade. Ainda segundo Pintor-Ramos (2014, p 81), para Zubiri 'a essência da razão é liberdade'. Isto não significa que seja uma escolha arbitrária, mas no sentido de que a realidade nos obriga a ser livres. Neste ponto, a razão precisa de um método que possa proporcionar a elaboração de um esboço, sendo este uma aproximação do que poderia ser o fundamento sugerido pelo sistema de referência. Este esboço é uma criação livre, mas, de alguma forma, deve incidir sobre as características do dado que gerou o sistema de referência. Este esboço e este caminho não configuram a verdade plena, mas está aberto a um movimento de verdade que satisfaz as exigências do dado.

Na terceira fase é encerrado o caminho da razão. Depois de elaborado o esboço e respeitadas às exigências das lógicas internas, fica faltando mostrar que a razão encontrou o que busca. Isto exige uma prova que não é uma mera inspeção do esboço e muito menos de análise interna de mecanismos racionais, mas da orientação do esboço para o dado, de uma forma que o esboço possa, de alguma maneira, refletir o dado. Aqui é necessário dizer que não

se trata de uma demonstração, dando ao processo racional uma existência autônoma, onde a conclusão se segue as premissas. Pintor-Ramos (2014, p.82) nos diz que isto pode ocorrer principalmente no campo das ciências formais. Entretanto, de uma maneira geral, a prova não se trata de uma demonstração. Aqui, a verdade racional coincide, em maior ou menor grau, com as exigências do dado, sem jamais se esgotar. Por isto, a linguagem mais apropriada é que se trata de uma ‘adequação’ que pode sempre ser aperfeiçoada. Por isto é que podemos dizer que a verdade racional é sempre histórica. O que temos é um conceito de razoabilidade, sem jamais excluir outros caminhos. É lógico que no confronto de ideias podem ocorrer caminhos razoavelmente válidos e, neste caso, a prova deve mostrar que uma é mais razoável do que a outra. O objeto da razão não está dado e nem pode ser alcançado, mas devemos concordar com soluções que enriqueçam a realidade e a vida, de modo que isto será sempre o mais razoável. Este processo certamente diz respeito não somente às questões de crença e religiosidade, mas a cada uma das experiências humanas. A este processo de conhecer podemos chamar de *noese*. Neste sentido, os estudos nesta área são, via de regra, voltados para o campo do *nous*, ou seja, como a busca de significado pode ser captado e fundamentado por uma via intuitiva, em oposição ao pensamento calcado na ciência e no discurso. Acompanhando aqui a classificação dada por Freitas (2017b, p.97), podemos dizer que a primeira fase do processo noético é a espiritualidade, ou seja, trata-se de um movimento subjetivo através do qual o indivíduo se lança além da sua própria experiência fenomênica (FREITAS, 2017a, p.100). Já na segunda fase podemos chamar de religiosidade, onde o indivíduo busca elaborar respostas para a sua busca de sentido sendo que, na nossa compreensão, o caráter da resposta pode ser religiosa ou não, sendo, entretanto, a expressão da sua própria religiosidade. A terceira fase do processo noético podemos chamar de religião, no sentido de um sistema de respostas ou doutrina que foi considerado “adequado” pelo indivíduo. Desta forma, podemos dizer que, dentro da Psicologia da Religião, por exemplo, cada uma destas fases possui um caráter específico. Autores como Jackson e Fullford (1997, p.65) e Caroline Brett (2002, p.353) tem defendido um aprofundamento epistemológico da questão, não somente sob uma perspectiva exclusivamente clínica, mas também dentro dos parâmetros da filosofia da mente. Entretanto, precisamos lembrar que esta busca de significados não trata jamais de uma resposta definitiva, no sentido de um sistema acabado, mas trata-se, antes, de um processo que pode sempre ser aperfeiçoado. Ou seja, estamos falando de um sistema aberto na sua essência.

Conclusão

Assim, vimos que o termo religião e seus correlatos em Zubiri, é pautado no sentido de buscar compreender de que forma o indivíduo vê a realidade a partir de seu sistema de impressões, mas sem descuidar dos aspectos intuitivos e racionais deste processo. Para isto, torna-se necessário partir de uma compreensão abstrata da realidade, evitando as reduções que defendem a realidade focada exclusivamente no indivíduo, no objeto ou no dado. É preciso compreender a realidade como algo complexo, que atinge o indivíduo a partir das suas impressões e intelecções, sem desconsiderar a existência própria do objeto, ou seja, não considerando a sua existência a partir do momento que o sujeito o percebe, mas identificando este como um momento de atualização, ou seja, o tempo que o objeto é modificado pela percepção do sujeito, sendo esta atualização a concretização da religação do indivíduo, em e nas coisas reais. Apesar disso, a religação em si não nos abre um caminho direto para Deus, mas, na verdade, nos direciona para nossa própria deidade que é a ‘força do real’ (GRACIA, 2014, p. 31). Esta deidade nada mais é do que a busca de um fundamento de realidade situado na relação do sujeito com Deus (SOUZA, 2020, p. 207). Este vínculo que ocorre entre a realidade e sua transcendência, ainda não é um encontro com Deus diretamente, mas um caráter fundante que se mostra para o indivíduo como um todo real. Porém, esta abertura não trata de uma consciência moral, ou um sentimento, ou experiência psicológica ou mesmo uma estrutura social como se estes fossem os determinantes da religação, mas, pelo contrário, estes aspectos revelam a realidade suscitada na religação de cada indivíduo em seu caráter fundante (ZUBIRI, 2010, p. 397).

Portanto, a religação nos conduz a uma experiência essencialmente humana sendo, ainda, sua dimensão fundante. É nesta relação fundante que o indivíduo extrai, positiva ou negativamente, uma semelhança divina ou sua dessemelhança. Portanto, o fato desta relação não se encontra em uma aceitação ou recusa conceitual da existência divina, mas de uma semelhança ou dessemelhança do fundamento fundado no indivíduo (GRACIA, 2014, p. 31), que ocorre no exercício da vida, sendo elaborado a partir de sua própria realidade. Visto desta maneira, o problema de Deus é a questão da simples existência humana. Nas palavras de Zubiri: “A religação não é senão o caráter pessoal absoluto da realidade humana atualizado nos atos que executa” (2010, p. 397). Neste sentido, o indivíduo religado na sua própria essência realiza algo que lhe é próprio, de forma absoluta. Quando assim se manifesta, o indivíduo encontra os seus próprios fundamentos naquilo que Zubiri (2010, p. 397) chama de deidade. Ainda nos resta esclarecer, como se apresenta, na visão zubiriana, a questão de Deus, já que, no seu

desenvolvimento teórico, a deidade ainda não deve ser um encontro com Deus. Segundo Souza (2020, p. 211) é necessário dizer que para Zubiri o problema de Deus não é uma questão científica, mas intelectual. Devido ao seu caráter de abertura, o indivíduo encontra-se implantado na realidade. Além disto, nesta dinâmica religada, o indivíduo está necessariamente lançado para aquilo que funda o real, qual seja, Deus, pois nele vivemos e existimos sendo, portanto, o fundamento da realidade. Porém, apesar de fundado nele, não há um encontro imediato, havendo antes, uma entrega que se caracteriza por um mostrar a sua própria realidade. É na transcendência das coisas reais que se abre a possibilidade deste encontro (TEIXEIRA, 2000, p. 156). Ainda segundo Teixeira (2000, p. 160) esta transcendência começa na religação, onde somos conduzidos pelo poder do real. Mas, ser conduzido ao real significa ser conduzido pelo seu fundamento, que é Deus. É neste fundamento, envolvendo o indivíduo, onde ocorre uma *pré-tensão* nos levando até este fundamento. Em seguida, somos arrastados pelo poder do real nas coisas, ou seja, pelo próprio fundamento. É neste arrastamento, em que somos formalmente constituídos, que ocorre o momento de tensão, especificamente humano, com que vamos até Deus. Diz-nos Teixeira: “... religados ao poder real nas coisas, Deus arrasta-nos nelas para Ele precisamente ao estar nas próprias coisas” (2000, p. 160). Desta forma ocorre a transcendência, entendida aqui como um movimento que determina cada coisa pela presença de seu fundamento nela. Ainda nas palavras de Teixeira:

estes três conceitos, articulados entre si, constituem a essência teologal⁴ da religação, a qual consiste neste acesso incoado que configura a acessibilidade de Deus nas coisas e sobretudo em nós mesmos. E isto envolve todo o homem, saiba-o ou não. Pois todo o homem está, incoativamente, acendendo a Deus (2000, p. 161).

Referências

BELLO, Joathas. **Prefácio**. In: ZUBIRI, Xavier. **Natureza, História, Deus**, 4ª edição. São Paulo: É Realizações, 2010.

BENVENISTE, Émile. **Le Vocabulaire Des Institutions Indo-Européennes; Povoir, Droit, Religion**. Paris, Les Édition de Minuit, 1969, 2 vol.

⁴ “É preciso distinguir em Zubiri a questão teológica da teologal. Para ele, teológico diz respeito a Deus mesmo, tendo por suposta a sua realidade, sendo constitutivamente teocêntrico. Já teologal diz respeito a uma estrita estrutura humana acessível a uma análise imediata, mostrando através do indivíduo, de maneira formal e constitutiva, o problema da realidade divina” (TEIXEIRA, 2000, p. 150-151).

BRETT, Caroline. “**The Application of Nondual Epistemology to Anomalous Experience in Psychosis.**” *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, vol. 9 no. 4, 2002, p. 353-358. Project Muse.

CAPONIGRI, Robert. A Propósito de Sobre a Essência: O Realismo de Xavier Zubiri. In: SECRETAN, PHILIBERT (Org). **Introdução ao Pensamento de Xavier Zubiri**. São Paulo: É Realizações, 2014. pp. 57-62.

FREITAS, Marta; VILELA, Paula. **Leitura Fenomenológica da Realidade**. Revista Phenomenological Studies, XXXIII (1): 95-107, jan-abr, 2017b.

FREITAS, Marta. **Psicologia Religiosa, psicologia da religião**. Pistis&Praxis. Curitiba, v. 9, n. 1, 89-107, jan/abr de 2017.

FULLFORD, K. W. M. & JACKSON, Mike (1997). **Spiritual Experience and Psychopathology**. *Philosophy, Psychiatry, and Psychology* 4 (1): p.41-65.

PINTOR-RAMOS, Antonio. **Uma filosofia da religião cristã**. In: SECRETAN, Philibert (org.). **INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE XAVIER ZUBIRI**, Coleção FILOSOFIA ATUAL. São Paulo: É REALIZAÇÕES, 2014, pp. 79-82.

SOUZA, V. C.; GOTO, T. A. **Deus Senciente: o lugar de Xavier Zubiri na filosofia da religião**. In: Revista Estudos de Religião, v. 34, n. 2, 199-223, mai-ago, 2020.

TEIXEIRA, J. A. P. **O acesso do homem a Deus em Xavier Zubiri**. In: Revista Didascália, XXX (2000), p. 149-191.

ZUBIRI, Xavier. **Natureza, História, Deus**. São Paulo: É REALIZAÇÕES, 2010.